

ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE À INFIDELIDADE EM RELACIONAMENTOS DE NAMORO

Daniel Gonçalves Cury

Lais Paranaíba Frattari Ribeiro

(Universidade Federal de Uberlândia – UFU – MG)

Resumo

Os objetivos deste estudo foram identificar as causas percebidas da infidelidade e analisar o significado de traição, ambos durante o namoro. Foi utilizado um questionário estruturado e auto-aplicável contendo oito questões abertas, que foi respondido por 153 participantes, posteriormente separados para análise em três grupos de acordo com a situação: os atores, as vítimas de traição e os observadores externos. Os resultados revelaram que a amostra atribuiu predominantemente causas internas instáveis e referentes ao ator para a traição em relacionamentos de namoro, com diferenças entre grupos que mostraram tendência para a atribuição diferencial. As respostas sobre o conceito de traição convergiram para o significado de envolvimento físico e emocional com pessoa externa à díade.

Palavras-chave: atribuição de causalidade, namoro, infidelidade

Abstract

Attribution of causality to infidelity in dating relationships

The objectives of this study were to identify the perceived causes of infidelity and to analyze the meaning of betrayal, being both during a dating relationship. A self-reported questionnaire with eight opened questions was answered by 153 participants that were afterwards separated in three groups, according to the situation: the actors, the victims of the betrayal and those who are external observers. The results showed that the sample mainly attributed internal and instable causes referred to the actor for the betrayal during a dating relationship, with differences between the groups, showing a tendency to the differential attribution. The answers about the concept of betrayal converged to the meaning of a physical and emotional relationship with someone external to the dyad.

Keywords: causal attribution, dating, infidelity

Introdução

Atribuição de causalidade é um processo psicológico que envolve teorias, postulados e resultados de pesquisas referentes ao processo de explicação da ocorrência dos fatos vividos ou observados na vida de cada um, que experimentou grande desenvolvimento no final dos anos 1960 e durante os 1970 (J. A. Dela Coleta & Dela Coleta, 2006; 2011). Refere-se às causas dos fenômenos conforme a percepção individual e aos processos relacionados com tais percepções, sendo esta busca das explicações definida por Heider (1970) como uma necessidade humana que permite ao indivíduo compreender o seu mundo, dar significado aos acontecimentos e sentir-se capaz de prever e de controlar o que acontece a si e aos outros. As atribuições afetam o comportamento e as emoções (Weiner, 1972), influenciam a auto-percepção (Bem, 1972) e o relacionamento interpessoal (Jones & Nisbett, 1972).

Segundo Heider (1970), as pessoas fazem atribuições causais que podem ser internas, à pessoa, ou externas, quando relacionadas ao

ambiente ou à situação. Outra distinção importante na atribuição interna é a percepção ou não de intenção no ato, que afeta o julgamento sobre a pessoa envolvida. Este autor afirmou, ainda, que as pessoas têm a tendência de perceber a si mesmo e aos outros de maneiras diferentes, o que afeta o processo de atribuição. Apesar de Heider ter levantado estas importantes conjecturas teóricas, a divergência de percepção das causas do comportamento, por parte de atores e observadores de um mesmo fenômeno, só foi sistematizada posteriormente por Jones e Nisbett (1972), que afirmaram "Existe uma profunda tendência dos atores em atribuir suas ações a exigências situacionais, enquanto os observadores tendem a atribuir a mesma ação a disposições pessoais estáveis" (p. 80).

Também relativo a esta tendência, o egotismo (Snyder, Stephan & Rosenfield, 1976; 1978) é um viés atribucional que leva o indivíduo a atribuir os atos com conseqüências positivas a si mesmo e a evitar a responsabilidade por comportamentos com efeitos negativos. Buscando a preservação da auto-estima, igualmente

são utilizadas atribuições externas para eventos positivos e atribuições internas para eventos negativos resultantes de comportamentos de outras pessoas.

Complementar à questão da internalidade x externalidade das causas, a dimensão da estabilidade x instabilidade foi proposta por Weiner e colegas (Weiner, Frieze, Reed, Rest, & Rosebaum, 1972) em um esquema para explicar os fatores de sucesso e fracasso em uma tarefa, que resultam em quatro tipos de explicações causais: interna estável (habilidades), interna instável (esforço pessoal), externa estável (características da tarefa) e externa instável (acaso, ajuda de outros).

Muitos estudos nesta época buscaram esclarecer os processos de atribuição de causalidade. No Brasil, até 1980, poucos trabalhos de pesquisa haviam sido dedicados a este campo (J. A. Dela Coleta, 1980; Rodrigues, 1984), mas duas décadas depois foi possível observar um desenvolvimento significativo no número de pesquisas e publicações em nosso meio, principalmente sobre situações envolvendo temas de educação, saúde, trabalho e relacionamento de casal (J. A. Dela Coleta & Dela Coleta, 2006).

O relacionamento íntimo, de casal ou conjugal tem sido investigado há muito tempo e, com mais intensidade, na década de 1970, coincidindo temporalmente com o desenvolvimento dos estudos sobre atribuição de causalidade (J. A. Dela Coleta & Dela Coleta, 2006; 2011), com o surgimento de novas propostas teóricas e questionamentos sociais no campo do relacionamento de casal (Bradbury & Fincham, 1992) e com a tendência em psicologia social de focalizar a cognição social. Nesta época, Mischel (1973) sugeriu que os pesquisadores estudassem características cognitivas dos membros do casal como forma de melhor compreender seu relacionamento. Após quase 30 anos, Karney, McNulty e Frye (2001) consideram que as atribuições são os processos cognitivos mais estudados na literatura sobre relacionamentos íntimos.

Os primeiros estudos baseados na teoria de atribuição de causalidade aplicada a este tema buscaram identificar as causas percebidas para o bom e mau funcionamento da relação de casais e verificar as divergências atribucionais intra e entre casais (M. F. Dela Coleta, 1991), sendo estudados

posteriormente temas como violência (Andrews & Brewin, 1990) e conflito (Sillars, 1981). Aqueles que procuraram identificar as causas percebidas por indivíduos separados ou divorciados para o fracasso de seu relacionamento conjugal apontam de modo consistente a infidelidade, entre outras causas (Albrecht, 1979; Bentler & Newcomb, 1978; Harvey, Wells, & Alvarez, 1978; Kelly & Conley, 1987; Levinger, 1966; Weiss, 1975).

Estudos mais recentes têm encontrado o mesmo resultado (Hall e Fincham, 2006). Amato e Previti (2006) identificaram a infidelidade como a causa mais citada para o divórcio de sua amostra, seguindo-se incompatibilidade, uso de drogas ou álcool, terem vidas independentes, problemas de personalidade, falta de comunicação, abuso físico e mental.

A infidelidade é definida por Glass (2002, p. 489) como “um envolvimento sexual, romântico ou emocional que viola o compromisso de um relacionamento exclusivo”. Segundo Pittman (1994, p.4) “a infidelidade é uma quebra de confiança, a traição de um relacionamento, o rompimento de um acordo”.

Um estudo de Atwood & Seifer (1997) aponta que a infidelidade tem significado negativo para a maioria das pessoas e pode ser definida como uma falha na fé, confiança ou lealdade. Segundo eles, este termo pode significar ter relações íntimas com outras pessoas, que não o companheiro/a, sejam estas relações sexuais ou não.

Já em 1983 Thompson afirma que é necessário buscar uma definição mais clara sobre a relação sexual fora do relacionamento formal, pois há muitos estudos nessa área, porém poucas definições. Atkins, Baucom e Jacobson (2001) destacam que a “infidelidade é um fenômeno comum nos casamentos, mas pouco compreendido” (p. 735) e, segundo Scheinkman (2008), tampouco há um modelo ideal de relacionamento, capaz de delimitar o que é considerado ato infiel e o que este representa.

Diante de tais indefinições, Viegas e Moreira (2010) elaboraram um questionário de concepções da infidelidade com opções de resposta variando de zero (não é infidelidade) a quatro (é infidelidade grave) e o aplicaram a 68 homens e 221 mulheres, com média de idade de 34,28 anos, casados e namorados. Os resultados

revelaram ser de mais alta gravidade o envolvimento sexual continuado, o envolvimento sexual homossexual, o ato sexual único. Com menor gravidade do que os primeiros foram avaliados o beijo prolongado na boca, o envolvimento sexual na internet, o envolvimento apenas afetivo, o envolvimento sexual consentido e apaixonar-se.

Em um estudo com universitários, Peres et al. (2003) investigaram quais eram suas percepções acerca da infidelidade. A maioria dos 106 participantes indicou que acredita na fidelidade e a compreende como não trair nem em pensamento. A traição foi definida pela amostra como quebra de um compromisso e ter relações sexuais com outra pessoa externa à díade.

No que se refere às causas percebidas da infidelidade, a maioria dos estudos tem verificado que as pessoas em geral julgam que a má qualidade do relacionamento é a principal causa. Entretanto os resultados não são consistentes e variam de acordo com a situação avaliada ser real ou fictícia e com características dos parceiros e da dinâmica do relacionamento (Buss & Shackelford,

1997; Schmitt, 2004; Shackelford, Besser & Goetz, 2008; Treas & Giesen, 2000). Além disso, há muita diferença entre os métodos empregados, o que dificulta a comparação.

Estudos sob a ótica da atribuição de causalidade têm encontrado diferentes resultados em função da realidade da ocorrência. Por exemplo, Buunk (1984) estudou casais em que um dos parceiros tinha sido infiel nos últimos dois anos e as causas atribuídas à infidelidade foram a atração, as circunstâncias e a necessidade de variedade, sendo poucos os participantes que atribuíram a infidelidade do parceiro a problemas conjugais. Já no estudo de Wiederman e Allgeier (1996), casais jovens atribuíram causalidade a um hipotético caso extraconjugal do parceiro e a maioria ofereceu como causa a insatisfação com o casamento.

Em uma pesquisa de Ferreira e colegas (Ferreira, Carvalho, Silva, Guimarães & Dela Coleta, 2007) foram investigadas as percepções das causas para uma pessoa qualquer cometer atos de infidelidade conjugal. Os dados, obtidos com 179 universitários, destacam treze categorias causais incluindo a falta de amor, insatisfação

com o cônjuge, falta de carinho, de diálogo, de caráter, de companheirismo, de educação, ciúmes excessivos, brigas, atração por outra pessoa, falta de confiança, de atenção, de interesse e rotina.

Segundo uma revisão de Allen et al. (2005), os estudos com Estados Unidos mostram que aproximadamente 22% a 25% dos homens e 11% a 15% das mulheres já tiveram algum envolvimento sexual extra-conjugal, entretanto estas porcentagens variam muito quando o estudo focaliza a infidelidade sem especificar o tipo de envolvimento extra-conjugal ou mesmo o comportamento, que pode ser interpretado ou não pelos respondentes como um ato de infidelidade. Além disso, os dados destes estudos apresentam certo grau de imprecisão porque as pessoas podem não responder com honestidade as perguntas nesta área íntima.

De acordo com Sheppard, Nelson e Andreoli-Mathie (1995), estudantes universitários julgam a infidelidade em relacionamentos de namoro com menor gravidade do que em casamentos, mas outros estudos revelam que 65% a 75% deles já se envolveram em alguma forma de

relação com outra pessoa enquanto estavam em um relacionamento sério de namoro (Lewandowski, Jr. & Ackerman, 2006; Shackelford, LeBlanc, & Drass, 2000; Wiederman & Hurd, 1999).

Tendo em vista que o namoro é uma forma de relacionamento com compromisso de fidelidade que precede o casamento, faz-se importante estudar a infidelidade nessas relações, buscando-se a detecção dos fatores aos quais diferentes grupos de pessoas, envolvidas ou não no evento, consideram como causadores de sua ocorrência.

Para compreender melhor o conceito de traição concebido por indivíduos que estão ou estiveram em um relacionamento de namoro, identificar suas atribuições causais à traição neste tipo de relacionamento e comparar as causas atribuídas à traição por grupos de indivíduos na condição de ator (aquele que traiu), de vítima (aquele que foi traído), e de observador externo (aquele que não traiu e que acredita não ter sido traído), foi planejado o estudo descrito a seguir. O termo traição foi utilizado por ser mais comum à linguagem cotidiana do que a infidelidade.

As hipóteses sobre diferenças entre os que traíram, os que foram traídos e aqueles que nunca se envolveram nestas ocorrências baseiam-se nas diferenças entre ator versus observador, conforme propostas por Jones e Nisbett (1972). Diferenças atribucionais entre ator e observador têm sido encontradas no relacionamento de casal, mostrando que homens e mulheres apresentam diferentes explicações para o conflito interpessoal e atribuem maior responsabilidade ao outro. Além disso, na explicação do próprio comportamento, o ator tende a utilizar causas externas e estados internos temporários, enquanto o observador enfatiza as características estáveis do ator e sua atitude negativa (J. A. Dela Coleta & Dela Coleta, 2006; 2011).

Método

Participantes

Participaram deste estudo 153 homens e mulheres, que foram posteriormente separados para análise em três grupos: os atores, ou seja, indivíduos que traem ou já traíram pessoas com quem se relacionam ou

relacionaram em situação de namoro; indivíduos cujos parceiros cometeram a traição, que serão doravante denominados vítimas de traição; e os observadores externos, que não vivenciaram a traição como atores nem como vítimas. Na coleta de dados buscou-se obter, em cada grupo, pelo menos 30 questionários respondidos e equilíbrio quanto ao sexo do respondente.

Os critérios de inclusão na amostra foram: ter pelo menos 18 anos de idade; estar envolvido ou já ter tido um relacionamento de namoro com pessoa de sexo oposto; concordar em participar do estudo após ter sido esclarecido a respeito.

Instrumentos e Procedimentos

Foi utilizado um questionário auto-aplicável estruturado contendo oito questões elaboradas para atender aos objetivos do estudo. As primeiras questões solicitavam dados pessoais e o tipo de relacionamento atual. As questões seguintes eram abertas e perguntavam qual a definição pessoal de traição no namoro; se a pessoa já havia traído ou se já fora traída durante um relacionamento de namoro e qual a

causa ela atribuía para esta ocorrência; e, se nunca traiu ou foi traída, em sua opinião, quais as causas principais que levariam alguém a praticar a traição.

A coleta dos dados foi realizada em diversos locais da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, como faculdades, shopping centers, restaurantes e praças. Foram garantidos o anonimato e sigilo das informações obtidas, mediante apresentação do termo de consentimento.

Ao entrar em contato com as pessoas que pareciam disponíveis, perguntava-se sobre seu interesse em colaborar com o estudo respondendo o questionário e para isso eram dadas informações sobre os objetivos do estudo, o conteúdo das questões, a forma de responder e o tempo médio necessário para completar as questões. Caso o indivíduo demonstrasse interesse e disponibilidade, recebia o Termo de Consentimento e o questionário para responder de modo privado em local por ele determinado. Ao terminar, o sujeito os devolvia em mãos do aplicador.

Os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo, buscando-se o núcleo das respostas, contando-se suas frequências e posteriormente tentando reuni-las em

categorias por semelhança e classificá-las em função do lócus e da estabilidade da causa, se interna, relativa ao indivíduo, ou externa, uma causa com origem fora do indivíduo e também se estável, enquanto característica imutável e consistente no tempo ou instável, quando passível de variação.

Foram analisados todos os questionários completamente preenchidos de participantes que atendiam aos critérios especificados para inclusão na amostra.

Resultados

Caracterização dos participantes

A análise dos dados pessoais mostrou que os participantes do estudo estavam distribuídos igualmente na amostra quanto ao sexo, estavam na faixa etária entre 19 e 50 anos ($M_{idade} = 28,42$; $DP = 7,44$), a maioria tinha grau de escolaridade correspondendo ao Ensino Médio completo (58%) e ao Ensino Superior completo (32%). Quanto ao tipo de relacionamento, 27% estavam casados e 73% estavam solteiros, a maioria destes últimos (46% da amostra) estava envolvida em relacionamento de namoro no período

de coleta de dados. O cruzamento das variáveis sexo e nível de escolaridade indicou não haver diferença significativa entre o grupo masculino e o feminino ($\chi^2(2) = 2,74$, n. s.).

Na primeira pergunta do questionário o respondente deveria indicar qual opção se referia a seu envolvimento com a traição. Deste total, 55 pessoas (36% do total) já haviam experimentado a situação de traição durante um relacionamento de namoro como atores; 53 (35%) foram identificadas como vítimas da traição e 45 (29%) pessoas constituíram o grupo de observadores, aqueles que nunca haviam vivenciado a ocorrência de traição enquanto estavam em relacionamento de namoro. O grupo masculino e o feminino estiveram distribuídos igualmente quanto a sua situação em relação à vivência da traição ($\chi^2(2) = 3,32$; não significativo).

O significado de traição

Um dos objetivos deste estudo foi compreender o significado de traição e, para isso, todos os participantes foram solicitados a responder, em poucas palavras, o que consideram

como traição em relacionamentos afetivos de namoro. Cabe ressaltar que esta questão era aberta, permitindo mais de uma resposta livre.

Uma análise de conteúdo das 184 respostas válidas obtidas sugeriu três categorias por semelhança, que foram denominadas: envolvimento com outra pessoa, mentira e quebra de acordos. Uma contagem de frequências destas respostas indicou que a maioria (69,5%) da amostra compreende a traição como envolvimento físico e/ou emocional com outra pessoa. Embora os sujeitos tenham utilizado diferentes formas de expressão para exemplificar comportamentos indicadores de envolvimento, tais como beijar, abraçar, ficar ou namorar outra pessoa, estes conceitos foram reunidos na mesma categoria (tabela 1).

Outra categoria de resposta indicou o significado de trair como mentir, enganar ou omitir informações sobre assuntos importantes para o relacionamento e correspondeu a 23,4% das respostas. Foi criada uma terceira categoria com as respostas de conteúdo genérico, que não se referiram a ações específicas e que dizem respeito à quebra de normas de lealdade entre o casal, mesmo quando implícitas na

relação (7,1%). As respostas que tentaram explicar as causas da traição (por exemplo: falta de respeito, de interesse, de compromisso, etc.), mais do que defini-la em termos comportamentais, foram descartadas.

Tabela 1. Respostas livres relativas ao significado de traição em relacionamento de namoro

Categorias	Respostas	Total	
		<i>f</i>	%
Envolvimento com pessoa externa à díade	Envolvimento físico e/ou emocional	31	69,5%
	Envolvimento	27	
	Beijar	17	
	Ter relações sexuais	17	
	Ficar	14	
	Interessar-se	08	
	Flertar	04	
	Buscar novos parceiros	03	
	Corresponder a investidas	02	
	Pensar	02	
	Abraçar	01	
	Namorar	01	
Namorar pela internet	01		
Mentiras	Mentir para o parceiro/a, omitir, enganar	43	23,4%
Deslealdade	Não cumprir promessas e acordos importantes para a relação	13	7,1%
Total		184	100%

Nota: Os 153 participantes indicaram 184 significados

Causas atribuídas à traição em relacionamentos de namoro

Para atingir o segundo objetivo do estudo, inicialmente as 214 respostas dos 153 participantes sobre as causas percebidas para a traição no relacionamento de namoro foram tomadas em conjunto, sendo agrupadas em função de sua semelhança, classificadas quanto ao seu *locus* e estabilidade e analisadas quanto à causa propriamente dita.

No que se refere à dimensão Internalidade x Externalidade das causas, verificou-se que a maioria da amostra (78%) atribuiu responsabilidade ao ator pela ocorrência da traição no namoro, predominando, portanto, as causas internas. As demais respostas referiram-se a causas centradas na relação e causas situacionais, sendo, deste modo, classificadas como externas.

Com relação à dimensão Estabilidade x Instabilidade das causas, as internas e instáveis foram mais

freqüentes (56,5%) do que as causas internas e estáveis (21,5%), vindo a seguir as causas externas instáveis e não havendo referência a causas externas estáveis.

Uma análise de conteúdo das causas internas e instáveis mostrou que uma parte delas referia-se a sentimentos do ator relacionados com o namoro (29%), predominando a falta de amor e de comprometimento com a relação, enquanto outras estavam relacionadas às suas necessidades, traduzidas como desejos (16,8%) ou carências (10,7%).

As causas internas e estáveis (21,5%) referiram-se a características disposicionais do ator, predominando a imaturidade nesta classe de respostas, que foi classificada nesta categoria por ser uma característica relativamente estável através do tempo, comumente utilizada para definir a personalidade de um indivíduo (Pinho & Guzzo, 2003).

Entre as causas externas, a resposta mais freqüentemente mencionada referia-se ao desgaste do relacionamento, conforme tabela 2.

Tabela 2. Conteúdo das causas atribuídas pela amostra total à traição no namoro em cada uma das dimensões causais

Causas atribuídas à traição no namoro		f	total	
			f	%
Interna	Diminuição/perda do amor	30		
Instável	Falta de comprometimento	18		
	Vingança	08		
	Perda do interesse	05		
	Falta de atitude para terminar o namoro	01	62	
	Insegurança	09		
	Necessidade de auto-afirmação, de sentir-se desejado	03		
	Insatisfação, carência	09		
	Infelicidade	02	23	
	Busca por aventuras/ por experiência nova/ por algo que faltava	19		
	Atração	06		
Machismo, tendência à poligamia	06			
Desejo de aproveitar a vida/ desejos incontrolláveis	03			
Insatisfação sexual, falta de relações	02	36	56,5	
Interna	Imaturidade	28		
Estável	Falta de respeito	08		
	Falta de caráter	06		
	Problema de valores, leviandade	02		
	Problema de personalidade	02	46	21,5
Externa	Desgaste na relação	33		
	Distância (física) entre o casal	07		
	Falta de diálogo	03		
	Excesso de liberdade	02		
	Brigas	01		
	Influência de outros	01	47	22,0
Total			214	100

Nota: os 153 participantes indicaram 214 causas

Em seguida, a amostra foi dividida em grupos a partir de sua vinculação anterior ao tema em estudo, a saber: como ator (aquele respondente que já havia traído), como vítima (aquele que já havia sofrido traição) ou como observador (quem nunca havia passado por tal situação enquanto esteve envolvido numa relação de namoro). Este procedimento permitiu analisar a frequência proporcional de respostas de cada grupo e observar algumas tendências.

A tabela 3 mostra que houve predominância de respostas internas e instáveis nos três grupos e que na categoria de respostas internas (ao ator) e estáveis, poucos atores referiram-se a estas causas (13,6%), enquanto ela foi a segunda mais citada pelas vítimas (30,3%). Causas externas relativas ao relacionamento do casal também foram citadas pelos três grupos, com porcentagens variando entre 14% e 21% das respostas. As frequências de respostas dos grupos nas três categorias foram comparadas e o resultado do teste Qui-quadrado mostrou não haver associação entre as dimensões causais empregadas para explicar a traição em relacionamentos de namoro e o grupo ao qual pertence o sujeito, se ator,

vítima ou observador ($\chi^2 (4) = 5,25$; não significativo).

A categoria de causas internas instáveis, devido à maior frequência e diversidade de conteúdo das respostas, foi analisada separadamente. As 121 respostas mostraram que, nesta categoria, os três grupos atribuem causas relativas aos sentimentos do ator em relação ao seu namoro, tais como a falta de amor, de interesse e de comprometimento (21,7% a 39,2% das respostas nos grupos;), mas diferem na frequência de citação das demais causas internas instáveis, a respeito das quais é possível observar maior tendência dos atores (30,2%) a citar seus desejos e impulsos, em comparação aos outros dois grupos, enquanto os observadores praticamente foram os únicos a citar as carências pessoais do ator como causa da traição (23,2% do total de respostas dos observadores).

Ainda referente à categoria de causas internas e instáveis (ator) pode ser observado que a maioria das respostas das vítimas refere-se aos sentimentos do ator; as respostas do ator dividem-se entre as causas relacionadas a seus sentimentos e seus desejos, enquanto os observadores utilizam os três tipos de causa para explicar a

traição. Um teste Qui-quadrado indicou relação significativa entre os grupos de sujeitos e as frequências das diferentes causas internas e instáveis utilizadas

para explicar a traição em relacionamento de namoro ($\chi^2 (4) = 39,5; p < 0,001$).

Tabela 3. Porcentagens das causas atribuídas pelos diferentes grupos à traição no namoro em cada uma das dimensões causais

Causas atribuídas à traição		ator	vítima	observador
		%	%	%
Interna Instável	Sentimentos sobre seu namoro	30,3	39,2	21,7
	Insegurança/insatisfação/carência	1,5	0	23,9
	Desejos/impulsos	30,2	8,9	11,9
	Total	62,0	48,1	57,5
Interna Estável	Imaturidade/valores	13,6	30,4	21,7
Externa	Desgaste na relação, circunstâncias	21,2	14,3	18,5

Discussão

Como resultado da análise exploratória sobre o significado de traição em relacionamentos de namoro, a maioria das definições esteve relacionada com “envolvimento físico e/ou emocional com pessoa externa à díade”. Comportamentos como beijar, ficar e ter relações sexuais foram também formas de definir a traição, entre outras respostas menos frequentes, tais como namorar, inclusive pela

internet. Além deste significado, foi observado que a traição pode ser mentir, enganar, omitir, esconder informações do (a) namorado(a). E foi revelado um terceiro significado relacionado com a quebra de confiança e descumprimento de acordos, implícitos ou explícitos, no relacionamento.

Resultados muito semelhantes foram encontrados no estudo de Roscoe, Cavanaugh e Kennedy (1988), ao perguntar a estudantes universitários o que significava infidelidade no namoro,

como também no estudo de Sheppard, Nelson e Andreoli-Mathie (1995), que perguntaram aos seus participantes se eles tinham sido infiéis durante um relacionamento de namoro recente. Nos dois estudos o significado de traição variou desde namoros e relações sexuais com outras pessoas até manter segredos diante do outro e trair sua confiança.

Viegas e Moreira (2010) também avaliaram as concepções de infidelidade no namoro e encontraram predomínio do significado como envolvimento sexual ou afetivo.

A terceira categoria de respostas, referente à quebra de confiança e violação do compromisso aparece também na literatura que busca definir a traição (Glass, 2002; Peres et al., 2003; Pittman, 1994).

No que se refere ao segundo objetivo deste estudo, a respeito da análise das causas atribuídas à traição, a amostra ofereceu diferentes causas, com significados diversos, que foram classificadas segundo o *locus* e a estabilidade e tiveram contabilizadas suas frequências.

As causas isoladas mais citadas pela amostra foram a perda do amor, o desgaste da relação, a imaturidade do ator, sua busca por novas experiências e

sua falta de compromisso com o namoro. Quando as causas foram classificadas quanto ao *locus* e estabilidade, os resultados mostraram três categorias de respostas: internas e instáveis, internas e estáveis, e externas e instáveis. A maioria das causas foi classificada como interna e instável, enquanto as demais ficaram divididas entre as outras categorias, com frequências semelhantes. Deste modo, observa-se que a grande maioria das causas da traição em relacionamento de namoro foi atribuída ao ator, enquanto aproximadamente um quinto das causas foi atribuído a circunstâncias do namoro.

A análise de conteúdo das causas revelou diferentes nuances na categoria das causas internas e instáveis. Quando estas causas foram agrupadas por semelhança, surgiram sub-classes de respostas referentes aos sentimentos do ator em relação ao namoro (perda do amor, falta de comprometimento e de interesse, desejo de vingança) e relativas a suas necessidades e carências, sendo estas últimas de dois tipos, um representado por seus desejos e impulsos e outro relativo a suas inseguranças e insatisfações.

Na categoria de causas internas estáveis foram reunidas as causas relativas à personalidade, caráter, valores do ator; e, na categoria de causas externas e instáveis foram agrupadas as causas que se referiam às circunstâncias que envolviam o namoro, tais como o desgaste do relacionamento, a distância que separava o casal, entre outras.

Quando a amostra foi dividida segundo a experiência pessoal com traição, ou seja, como atores, vítimas ou observadores, as frequências de respostas mostraram tendências interessantes, de modo que os atores indicaram predominantemente as causas que enfatizavam seus sentimentos relativos ao namoro ou seus desejos e impulsos, de modo consistente com o estudo de Buunk (1984) e praticamente não apontaram suas carências e necessidades nem suas características estáveis mais negativas (problemas de personalidade, de caráter, de valores), demonstrando uma tendência a manter a auto-estima conforme o fenômeno do egotismo (Snyder, Stephan & Rosenfield, 1976; 1978), já que a traição é um comportamento que não tem a aceitação social. Por outro lado, as vítimas da traição preferiram atribuir

causas relativas aos sentimentos do ator sobre o namoro e suas características disposicionais estáveis, sem nenhuma menção a suas insatisfações e carências como causa da traição, demonstrando a mesma tendência a culpar o outro e não a si mesmo pela ocorrência.

Apenas uma causa interna e estável foi citada pelos atores: a imaturidade, que é considerada parte da personalidade do indivíduo. Provavelmente os sujeitos atores referiram-se a si mesmos como imaturos no momento da traição, mas agora é possível que acreditem que não mais possuem tal característica, o que se constitui em um interessante objeto de estudos posteriores. A imaturidade como causa atribuída pelos atores da traição é consistente com as causas relativas a seus desejos e impulsos. De fato, a imaturidade emocional está relacionada com a impulsividade (Acton, 2003) e foi estudada durante muito tempo na busca da explicação para o ajustamento do casal (Kelly & Conley, 1987).

Na pesquisa transcultural de Buss (1990), com quase 9500 participantes de 33 países, a maturidade é uma das características mais importantes para a escolha do parceiro,

além do amor, caráter confiável e estabilidade emocional do parceiro.

As causas atribuídas por atores, vítimas e observadores neste estudo estão de acordo com os pressupostos de Jones e Nisbett (1972), observando-se a tendência dos atores para atribuições internas instáveis (ex: busca de novas experiências), enquanto os que sofreram as consequências do ato julgaram-no mais como características estáveis (ex: falta de caráter) do ator ou instáveis (ex: falta de comprometimento), mas com julgamento mais severo do ator do que fizeram os observadores. Estes últimos, como nunca estiveram envolvidos em tal situação, tenderam a atribuir causas instáveis que justificavam o comportamento do ator (ex: insegurança, carência), confirmando os resultados de Wiederman e Allgeier (1996) com seus sujeitos observadores. Diferenças nas atribuições causais à infidelidade foram verificadas por Ruza e Ruza (2010) quando compararam grupos de atores, vítimas e sem experiência de traição em relacionamentos românticos de uma ampla amostra culturalmente heterogênea. No presente estudo as diferenças entre os grupos quanto ao *locus* e estabilidade das causas não

alcançaram significância estatística, mas a análise isolada das causas internas e instáveis mostrou significativa preferência dos sujeitos atores por explicar sua traição como devida a seus fracos sentimentos sobre o namoro e fortes desejos e impulsos dirigidos para experiências sexuais extra-díade, e a tendência quase exclusiva dos observadores em utilizar causas que enfatizam a insatisfação do ator com o relacionamento.

Em estudos brasileiros citados por J. A. Dela Coleta e Dela Coleta (2006) a fidelidade, a honestidade, a confiança e o respeito são causas frequentemente atribuídas para o sucesso no relacionamento conjugal. Estas causas revelam as expectativas das pessoas em relacionamentos afetivos estáveis, que podem estar associadas aos resultados sobre o significado do termo e sobre a busca de significado do ato obtidos com os sujeitos deste estudo sobre a infidelidade em relacionamento de namoro.

Entretanto, apesar de seus interessantes resultados, algumas características do estudo impedem resultados mais precisos sobre o tema e limitam generalizações: foi utilizada

uma amostra de conveniência, com alta amplitude na distribuição da idade e maior frequência relativa de indivíduos de níveis médio e alto de escolaridade. Assim, sugere-se continuidade nesta linha de investigação, buscando maior representatividade dos segmentos da população, instrumentos que confirmam maior precisão aos resultados, que permitam estabelecer as diferenças nas

atribuições causais entre os componentes da díade envolvida na ocorrência da infidelidade e inclusão de variáveis para exploração de antecedentes e consequentes das atribuições causais para integrar um modelo de relacionamento de casal nas diversas situações de namoro e conjugalidade.

Referências

- Acton, G. S. (2003). Measurement of impulsivity in a hierarchical model of personality traits: Implications for substance use. *Substance Use & Misuse*, 38(1), 67–83. doi: 10.1081/JA-120016566.
- Albrecht, S. L. (1979). Correlates of marital happiness among the remarried. *Journal of Marriage and the Family*, 41, 857-867.
- Allen, E., Atkins, D., Baucom, D., Snyder, D., Coup Gordan, K., & Glass, S. (2005). Intrapersonal, interpersonal, and contextual factors in engaging in and responding to extramarital involvement. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 12(2), 101-130. doi: 10.1093/clipsy/bpi014
- Amato P. R., & Previti, D. (2006). People's reasons for divorcing: Gender, social class, the life course, and adjustment. *Journal of Family Issues*, 24(5), 602-626. doi: 10.1177/0192513X03254507
- Andrews, B., & Brewin, A. (1990). Attributions of blame for marital violence: A study of antecedents and consequences. *Journal of Marriage and the Family*, 52(3), 757-767.

Atkins, D. C., Baucom, D. H., & Jacobson, N. S. (2001). Understanding infidelity: Correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology, 15*, 735-749. doi: 10.1037//0893-3200.15.4.735

Atwood, J. D., & Seifer, M. (1997). Extramarital affairs and constructed meanings: A social constructionist therapeutic approach. *The American Journal of Family Therapy, 25*, 55-75. doi:10.1080/01926189708251055

Bem, D. J. (1972). Self-perception theory. Em L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology*, (Vol. 6, pp. 1-62). New York: Academic Press.

Bentler, P. M., & Newcomb, M. D. (1978). Longitudinal study of marital success and failure. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 46*(5), 1053-1070. doi: 10.1037/0022-006X.46.5.1053

Bradbury, T. N., & Fincham, F. D. (1992). Attributions and behavior in marital interaction: Interpersonal relations and group processes. *Journal of Personality and Social Psychology, 63*(4), 613-628.

Buss, D. M. (1990). International Preferences in Selecting Mates: A Study of 37 Cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 21*, 5-47. doi: 10.1177/0022022190211001

Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (1997). Susceptibility to infidelity in the first year of marriage. *Journal of Research in Personality, 31*, 193-221. doi: 10.1006/jrpe.1997.2175

Buunk, B. (1984). Jealousy as related to attributions for the partner's behavior. *Social Psychology Quarterly, 47*, 107-112.

Dela Coleta, J. A. (1980). *Atribuição de causalidade em presos, amputados e cegos: aceitação e luta contra o infortúnio* (Tese de Doutorado não publicada). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ.

Dela Coleta, J.A. & Dela Coleta, M.F. (2006). *Atribuição de causalidade: teoria, pesquisa e aplicações*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária.

Dela Coleta, J. A. & Dela Coleta, M. F. (2011). Conhecendo a si e ao outro: percepção e atribuição de causalidade. Em Cláudio V. Torres, Elaine R. Neiva (Eds.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 134-152). São Paulo: Artmed.

Dela Coleta, M. F. (1991). Causas atribuídas ao sucesso e fracasso no casamento. *Psico*, 22(2), 21-39.

Ferreira, J. A., Carvalho, M. P., Silva, E. C. M. Guimarães, A. C. R., & Dela Coleta, J. A. (2007). Infidelidade Conjugal: Percepções dos fatores que levam à traição. In: *Anais da XXXVII Reunião Anual de Psicologia* (Resumo). Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia.

Glass, S.P. (2002). Couple therapy after the trauma of infidelity. Em A. S. Gurman & N. S. Jacobson (Eds.), *Clinical handbook of couple therapy* (3rd ed., pp. 488–507). New York: Guilford.

Hall, J. H. & Fincham, F. D. (2006). Relationship dissolution following infidelity: The roles of attributions and forgiveness. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 25(5), 508-522.

Harvey, J. H., Wells, G. L., & Alvarez, M. D. (1978). Attribution in the context of conflict and separation in close relationships. Em J. H. Harvey, W. Ickes, & R. Kidd (Eds.), *New directions in attribution research*, (Vol. 2, pp. 235-260). Hillsdale, N.J: Lawrence Erlbaum.

Heider, F. (1970). *Psicologia das relações interpessoais*. São Paulo: Pioneira.

Jones, C., & Nisbett, R. E. (1972). The actor and the observer: Divergent perception of the causes of behavior. Em E. E. Jones (Ed.), *Attribution: Perceiving the causes of behavior* (pp.79-94). Morristown, N.J: General Learning Press.

Karney, B. R., McNulty, J. K., & Frye, N. E. (2001). A social-cognitive perspective on the maintenance and deterioration of relationship satisfaction. Em J.H. Harvey & A. E. Wenzel (Eds.), *Close romantic relationships: Maintenance and enhancement* (pp. 195-214). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Kelly, E. L., & Conley, J. J. (1987). Personality and compatibility: A prospective analysis of marital stability and marital satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5(1), 27-40.

Levinger, G. (1966). Sources of marital dissatisfaction among applicants for divorce. *American Journal of Orthopsychiatry*, 36, 803-807. doi: 10.1111/j.1939-0025.1966.tb02407.x

Lewandowski, G. W., Jr., & Ackerman, R. A. (2006). Something's missing: Need fulfillment and self-expansion as predictors of susceptibility to infidelity. *Journal of Social Psychology*, 146(4), 389-403. doi: 10.3200/SOCP.146.4.389-403

Mischel, W. (1973). Toward a cognitive social learning reconceptualization of personality. *Psychological Review*, 80, 252-283. doi: 10.1037/h0035002

Peres, A. J. S., Raposo, A. P. S., Murakami, K., Coelho, L. J., Vilela, V. R. F., & Dela Coleta, M. F. (2003). Infidelidade: o que as pessoas pensam sobre a traição. In: *Anais da XXXIII Reunião Anual de Psicologia*, (pp. 386-387). Resumos de Comunicação Científica. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia.

Pinho, C. C. M & Guzzo, R. S. (2003). Taxonomia de adjetivos descritores da personalidade. *Avaliação Psicológica*, 2(2), 81-97.

Pittman, F. (1994). *Private lies: Infidelity and the betrayal of intimacy*. New York: W.W. Norton & Co.

Rodrigues, A. (1984). Atribuição de causalidade: estudos brasileiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 36, 5-20.

Roscoe, B., Cavanaugh, L. E., & Kennedy, D. R. (1988). Dating infidelity: Behaviors, reasons and consequences. *Adolescence*, 23, 35-43.

Ruza, I, & Ruza, A. (2010). Causal attributions of infidelity of Latvian residents with different kinds of infidelity experience. *International Journal of Interdisciplinary Social Sciences*, 5(2), 535-548.

Scheinkman, M. (2008). The Multi-level Approach: A road map for couples therapy. *Family Process*, 47(2), 197-213.

Schmitt, D. P. (2004). The big five related to risky sexual behaviour across 10 world regions: Differential personality associations of sexual promiscuity and relationship infidelity. *European Journal of Personality*, 18, 301-319.

Shackelford, T. K., Besser, A., & Goetz, A. T. (2008). Personality, marital satisfaction, and probability of marital infidelity. *Individual Differences Research*, 6(1), 13-25.

Shackelford, T. K., LeBlanc, G. J., & Drass, E. (2000). Emotional reactions to infidelity. *Cognition & Emotion*, 14(5), 643-659.

Sheppard, V. J., Nelson, E. S., & Andreoli-Mathie, V. (1995). Dating relationships and infidelity: Attitudes and behaviors. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 21, 202-212.

Sillars, A. L. (1981). Attributions and interpersonal conflict resolution. Em J. H. Harvey, W. Ickes & R. F. Kidd (Eds.), *New directions in attribution research* (pp. 279-304). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.

Snyder, M. L., Stephan, W. E., & Rosenfeld, D. (1976). Egotism and attribution. *Journal of Personality and Social Psychology*, 33(4), 435-441.

Snyder, M. L., Stephan, W.E., & Rosenfeld, D. (1978). Attributional egotism. Em J. H. Harvey, W. Ickes e R. Kidd (Eds.), *New directions in attribution research*, (Vol. 4, pp. 91-117). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.

Thompson, A. P. (1983). Extramarital sex: A review of the research literature. *Journal of Sex Research*, 19, 1-22.

Treas, J., & Giesen, D. (2000). Sexual infidelity among married and cohabiting Americans. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 48-60.

Viegas, T. & Moreira, J. M. (2010, Julho). *Concepções da Infidelidade: Um estudo exploratório*. Poster apresentado no XII Congresso Iberoamericano de Psicologia.

Oviedo, Espanha. Disponível em <http://www2.fpce.ul.pt/pessoal/jmoreira/Port/abstracts/poster%20Oviedo%202010.pdf>

Weiner, B. (1972). *Theories of motivation: From mechanism to cognition*. Chicago: Markham Book form Rand McNally College.

Weiner, B., Frieze, I., Reed, L., Rest, S., & Rosebaum, R. M. (1972). Perceiving the causes of success and failure. In E.E. Jones, D.E. Kanouse, H. H. Kelley, R. E. Nisbett, J. Valins, & B. Weiner (Eds.), *Attribution: Perceiving the causes of behavior* (pp. 95-120). New Jersey: General Learning.

Weiss, R.S. (1975). *Marital Separation*. New York: Basic Books.

Wiederman, M. W., & Allgeier, E. R. (1996). Expectations and attributions regarding extramarital sex among young married individuals. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 8(3), 21-35. doi: 10.1300/J056v08n03_02

Wiederman, M. W., & Hurd, C. (1999). Extradyadic involvement during dating. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16(2), 265-274. doi: 10.1177/0265407599162008

Os autores:

Daniel Gonçalves Cury, Psicólogo, Mestre em Psicologia Aplicada pela Universidade Federal de Uberlândia.

Lais Paranaiba Frattari Ribeiro, Psicóloga pela Universidade Federal de Uberlândia.

Endereço para correspondência:

Universidade Federal de Uberlândia

Rua Benjamin Constant, 1286 - Bairro Aparecida – Uberlândia - MG - CEP 38400-678

Endereço eletrônico: danielcuryufu@gmail.com

Agradecemos a orientação da pesquisa, pela Profa. Dra. Marília Ferreira Dela Coleta e as colaborações de Eduardo Oliveira Santos, Flávia Alves de Almeida e Junia Cristina Teixeira.